

FATOS E NOTAS

UM SUPOSTO DESCOBRIMENTO DO BRASIL ANTES DE 1448.

Na Biblioteca Ambrosiana de Milão existe um portulano da Europa e África desenhado em 1448, em Londres, pelo navegante e cartógrafo veneziano André Bianco.

No canto inferior esquerdo desse mapa e a sudoeste do Cabo Verde, está assinalada uma ilha com a legenda **Ixola Otinticha**, que tem sido traduzida por **ilha autêntica**. Abaixo dessa legenda existe outra, com palavras ilegíveis, em parte, o que tem dado margem a diversas interpretações, algumas delas até temerárias, como iremos ver.

Em uma sessão da **Royal Geographical Society**, de Londres, em 1894, o professor da Universidade de Cambridge, H. Yule Oldham, fez uma comunicação procurando identificar a **Ixola Otinticha** do citado portulano de André Bianco com um trecho do litoral nordestino do Brasil e, desse modo, provar que antes de 1448, era conhecida na Europa, principalmente em Portugal, a existência de terras americanas no Atlântico Sul.

O citado professor inglês fundamentou a sua tese (**A Pre-Columbian Discovery of America**) no seguinte tópico do **Tratado dos Descobrimentos** da autoria do cronista português António Galvão, publicado em Lisboa em 1563:

“No anno de 1447 tornou Nuno Tristão em huma caravella, e passou o Cabo Verde, e rio Grande; e sahio em otro que está além delle em vinte graos, onde o mararão com dezoito portugueses, e com quatro ou cinco se tornou o navio em salvamento. Contão mais que neste meyo tempo vindo huma nao de portugueses pelo Estreito de Gibraltar fóra, lhe dera tal tormenta, que corra a loeste muito mais do que quizera, e forão ter a huma ilha em que havia sete cidades, e falavão a nossa lingua (portugueza), e perguntarão se tinham os mouros ainda occupado Espanha donde fogirão pella perda del Rey D. Rodrigo. O contramestre da nao diz que trouxe huma pouca darea, e que a vendera a hum ourives em Lisboa de que tirara boa quantidade douro: sabendo isto o Infante D. Pedro que ainda governava, diz que o mandou escrever na casa do Tombo. E alguns

querem que estas terras, e ilhas que os portuguezes tocarão, sejam aquellas que agora chamão as Antilhas, e nova Espanha, e allegão muitas razoens para isso, em que não fallo por não tomar isto à minha conta, mas com tudo toda a causa de que não sabião dar razão era dizer, he nova Espanha” (1).

A suposta viagem de uma nau portugueza à lendária **Ilha das Sete Cidades** ou **Antilha**, realizada no tempo do infante D. Henrique, era uma novela que se tinha espalhado por toda a península ibérica, tanto assim que dela nos dá notícia Bartolomeu Las Casas e D. Fernando Colombo. Com as seguintes palavras, Las Casas se refere a essa viagem:

“Esta isla de las Siete Ciudades, dicen, segun se suena, los portugueses, que fué poblada dellos al tiempo que se perdió España reinando el rey D. Rodrigo; y dicen que por huir de aquella persecucion se embarcaron siete obispos y mucha gente, y con sus navios fueran á aportar á la dicha isla, donde cada uno hizo su pueblo, y porque la gente no pensase tornar, pusieron fuego á los navios, y dicese que em tiempo del Infante D. Enrique de Portugal, com tormenta, corrió un navio que habia salido del puerto de Portugal y no paró hasta dar en ella, y, saltando en tierra, los de la isla los llevaron á la iglesia por ver si eran cristianos y hacian las ceremonias romanas, y visto que lo eran, rogáronles que estoviesen allí hasta que viniese su señor que estaba de allí apartado; pero los marineros, temiendo no les quemasen el navio y los detuniesen allí, sospechando que no querian ser sabidos ne nadie, volvieron á Portugal muy alegres esperando receber mercedes del Infante; á los cuales diz que maltrató y mandó que volbiesen, pero el maestre y ellos no lo osaran hacer, por cuya causa, del reino solidos, nunca más á el volvieron: dicen más, que los grumetes cogieron cierta terra ó arena para su foga, y que hallaron que mucha parte della era oro” (2).

D. Fernando Colombo, filho do Almirante do Mar Oceano, assim faz alusão à suposta viagem de um navio português à lendária **Ilha das Sete Cidades**:

“Nel qual tempo dicono che s'imbarcarono sette vescovi e con la lor gente a navigli andarono a questa Isola, dove ciascuno di loro fabricò una città; e, acciò che i suoi non pensassero più al ritorno di Spagna, abbruciarono i navigli e tutte le sarte, e le altre cose al

(1). — *Tratado dos Descobrimentos Antigos e Modernos*, Lisboa, 1731, página 24.

(2). — Bartolomeu Las Casas, *Historia de las Indias*, Madrid, 1875, volume I, páginas 99 e 100.

navigar necessarie. Regionando poi certi Portoghesi intorno a quest'Isola, v'avea chi affermava essere andata ad essa molti Portoghesi, i quali mai non seppero tornare indietro. Specialmente dicono, che vivendo l'infante don Enrico di Portogallo, scorre in quest'Isola Antilia un naviglio dal porto di Portogallo per fortuna; e dismantata la gente in terra, forono da quei dell'Isola menati al tempio, per veder s'erano Cristiani e se osservavano le cerimonie Romane; e veduto che le osservavano, li prepararono a non partire finchè venisse il lor Signor che era fuori, il quale gli avrebbe molto accarezzati, e fatti loro di molti doni; a cui tosto ciò farebbono intendere: Ma il padrone e i marinari temerono d'esser ritenuti, dubitando che quella gente non volesse esser conosciuta, e perciò gli abbruciasse il naviglio. E così partirano alla volta di Portogallo, con speranza d'esser premiati perciò dall'Infante. **Il quali li riprese severamente, e gli comandò che tosto vi tornassero, ma il padrone per paura se ne fuggì col naviglio e con la gente fuori di Portogallo.** E dicesi, che mentre nella detta Isola i marinari erano in Chiesa, i fanti del naviglio raccolsero dell'arena per la cucina, il terzo della quale trovarono esser tutto oro fino" (3).

Apesar do cunho característico da mais pura fantasia que se nota na narração que dessa viagem à imaginária **Ilha das Sete Cidades** ou **Antilha** fêz Antônio Galvão; apesar de ter Bartolomeu Las Casas e D. Fernando Colombo a ela feito referência com o escopo de ridicularizá-la, frisando que o próprio infante D. Henrique maltratou êsses pseudo-descobridores, tachando-os de embusteiros; apesar de não existir, como acabamos de ver, nas narrações dessa suposta viagem à mística **Ilha das Sete Cidades**, situada pela lenda no **hemisfério norte**, a menor referência a ter o navio, quer na ida quer na volta, tocado em qualquer terra ou ilha situada no **hemisfério sul, ao ocidente da África**, não trepidou o prof. Oldham em atribuir aos tripulantes desse navio o descobrimento de uma parte do litoral nordestino brasileiro, de modo a fornecer a André Bianco as informações necessárias para que êste cartógrafo mencionasse em seu portulano, desenhado em Londres em 1448, essa descoberta, assinalando-a por meio da **Ixola Otinticha**.

Porém a sua tese que foi publicada no **Geographical Journal** do mês de março de 1895, provocou, como era natural, veementemente repulsa da parte dos sócios da **Royal Geographical So-**

(3). — *Le Historie della vita e dei fatti di Cristoforo Colombo per D. Fernando Colombo suo figlio.* Edição "Alpes" de Milão, sob os cuidados de Rinaldo Caddeo. Milão, 1930, volume I, capítulo IX, páginas 70 e 71.

ciety, tendo sido combatida por notabilidades como E. G. Ravenstein, Raymond Beasley e Clemente Markham.

Em 1448, quando André Bianco desenhou a sua carta, Portugal ainda estava no início das suas descobertas marítimas ao longo da costa ocidental do continente negro, visto que só depois de 12 anos de contínuas e infrutíferas tentativas, em 1434, conseguiu Gil Eanes dobrar o cabo Bojador, fazendo uso de uma barca. A navegação era ainda a de cabotagem, cosendo-se com a costa. Por outro lado faltavam marinheiros hábeis e escasso e antiquado era o material, tanto assim que o infante D. Henrique aceitou e até solicitou a colaboração de navegantes italianos, tais como Ca' da Mosto, Usodimare, Antônio da Noli e outros. As primeiras navegações foram feitas com o uso de barcas, barinéis e fustas, sendo que mais tarde foi usada a caravela, evoluída e adaptada do **carib** muçulmano.

No comêço da emprêsa marítima na costa ocidental da Africa, tiveram os nautas portuguezes necessidade de resolver um grande problema que, ainda em 1448, quando Bianco desenhou o seu portulano, não tivera completa solução. Consistia êle em encontrar o melhor meio para que o navio que fôsse à Africa pudesse regressar ao pôrto de partida, que geralmente era o de Lagos, vencendo correntes marítimas e principalmente ventos ponteiros. Isso só foi possível com o decorrer do tempo e, conseqüentemente, com os conhecimentos mais apurados que, da arte de navegar, adquiriram com sucessivas viagens ao longo do litoral africano. Dêsses conhecimentos resultou uma série de modificações introduzidas na caravela. A principal delas foi a de dispor as velas chamadas latinas, no sentido longitudinal e não no transversal, em relação à quilha, permitindo que a caravela impelida pelo vento se movesse num rumo contrário ao mesmo vento, isto é, navegasse à bolina.

Dêsse modo, admitir a possibilidade de um navio portugês ter atravessado o Atlântico Sul de lente a oeste, descoberto o Brasil e regressado ao pôrto de partida, com tempo de Bianco assinalar em 1448 êsse descobrimento em seu mapa, importa dar crédito a existir já naquela época quem conhecesse a existência da formidável corrente equatorial, dos alisados de S. E., dos ventos escassos, e estivesse habilitado a lutar vantajosamente contra êsses ventos e contra essa corrente e, conseqüentemente, já conhecesse perfeitamente a arte de navegar à bolina.

Logo em seguida à publicação do trabalho do professor Yule Oldham no **Geographical Journal** em 1895, o historiador

Carlo Errera publicou um estudo (4) onde declarou ter examinado na Biblioteca Ambrosiana de Milão o portulano de Bianco, verificando que a distância indicada na legenda é 500 milhas, e não 1500 como pretendia Yule Oldham.

Em 1897, o historiador português Jaime Batalha Reis, com o título **The supposed discovery of South America before 1448, and the critical methods of the historians of geographical discovery**, publicou por sua vez no referido **Geographical Journal** um trabalho sobre a identificação da ilha em apreço e apoiou plenamente as conclusões do aludido professor inglês.

Nessa mesma revista geográfica inglesa, em 1926, o professor E. G. Taylor procurou identificar a **Ixola Otinticha** com a extremidade oeste da costa sul do golfo da Guiné, representada por uma reentrância longa e profunda que se nota no mapa-múndi catalão de 1450, existente na Biblioteca Estense de Módena.

Em 1932 o professor Manuel d'Oliveira Ramos, repetindo os argumentos de Jaime Batalha Reis, opinou que a ilha em estudo, de fato, pode ser identificada como fêz o professor Oldham, com uma região qualquer do litoral norte do Brasil (5).

Jaime Cortesão, por sua vez, também em 1932, fêz um estudo sobre as correntes marítimas e os ventos que imperam no Atlântico Sul, concluindo por admitir a possibilidade de **Ixola Otinticha** representar um trecho do litoral brasileiro situado ao nordeste, descoberto por um navegante português no tempo do infante D. Henrique que inadvertidamente ou não, se afastou em demasia da costa ocidental da África, tendo sido arrojado às terras do Ocidente (Brasil) pela corrente equatorial (6).

O erudito professor da Universidade de Harvard, almirante Samuel Eliot Morison (7), fazendo um estudo comparativo entre a carta de André Bianco de 1448 e a de Gacioso Benicasa de 1469, existente na Biblioteca de Ancona, identificou a **Ixola Otinticha** com a ilha **Usamanta** do arquipélago das Bissagós que fica em frente do estuário do rio Geba, na África ocidental.

Ora defendendo o ponto de vista do professor Oldham, ora dêle divergindo, diversos historiadores e geógrafos, tanto da Europa como da América, têm se ocupado da **Ixola Otinticha**, sem

(4). — *Memorie della Società Geografica Italiana*, volume V, páginas 202 a 225.

(5). — *História de Portugal*. Edição Monumental, Barcelos, 1932, volume III, páginas 591 a 592.

(6). — *Ibidem*, volume IV, páginas 130 a 138.

(7). — *Portuguese Voyage to America in the Fifteenth Century*, Cambridge, 1940, páginas 110 a 125.

todavia apresentar, na nossa opinião, uma identificação aceitável.

Estudando nós a questão relacionada com o descobrimento das ilhas de Cabo Verde, deparamos entre as páginas 98 e 99 do livro editado pelo Ministério das Colônias de Portugal, com o título — **Cartas das Ilhas de Cabo Verde (de Valentim Fernandes, por A. Fontoura da Costa, Lisboa, 1939, a reprodução fotográfica de uma parte do portulano de André Bianco de 1448, justamente onde existe desenhada a discutida *Ixola Otinticha*.**

A nossa surpresa foi enorme ao verificarmos nessa reprodução fotográfica a existência de uma outra legenda já por nós referida, na ilha em estudo, com palavras, em parte ilegíveis, mas distinguindo-se perfeitamente êstes vocábulos finais: a **ponente/500/ mia**, o que se pode verificar no clichê que aqui publicamos.

Ixola otinticha
Valmempnête 1500/ mia

Diante dêste fato que nos causou admiração, passamos a confrontar êsse trecho da carta de Bianco, cuja fotografia vem reproduzida, como já dissemos, nas **Cartas das Ilhas de Cabo Verde de Valentim Fernandes**, com idêntico trecho dêsse portulano estampado em vários livros e revistas e, assim procedendo, chegamos a esta conclusão: a legenda em apreço do mapa do navegante e cartógrafo veneziano André Bianco, desenhado em Londres em 1448, tem sido astuciosamente adulterada com o escopo premeditado de levar os incautos a identificar a ***Ixola Otinticha*** com uma parte do litoral nordestino do Brasil onde está o cabo de São Roque e, assim, provar que antes de 1448, houve um navegante português que aportou em terras da América Meridional, antecedendo Colombo no descobrimento do Novo Mundo.

A título de exemplo, reproduzimos aqui a legenda adulterada da ***Ixola Otinticha*** que vem publicada no volume I, página XXXII, da **História da Colonização Portuguesa do Brasil**.

Ixola otinticha
Xclonynapnête 1500 mia

Como é fácil verificar, a adulteração, a fraude, consistiu em alterar de 500 para 1500 o número de milhas indicado na legenda da ilha em apreço, tendo-se em vista que a distância real entre Cabo Verde e o cabo de São Roque (no Brasil), é aproximadamente de 1520 milhas. E radiante de alegria, assim comenta o historiador português professor Manuel d'Oliveira Ramos:

“Parece que a estimativa (feita por André Bianco) está apenas errada em 20 milhas, o que é já um resultado de rara precisão” (8).

Mas os que assim se pronunciam não levam em consideração o fato de ser humanamente impossível, na época em que Bianco desenhou o seu portulano e mesmo muito depois, indicar-se a **longitude** de um ponto qualquer da Terra, sem se incorrer em grandes erros. Até grande parte do século XVIII só se determinava uma das coordenadas, a **latitude**. A **longitude** denominada **altura de leste-oeste** e também **longura**, era então impossível de ser obtida. Só nos primeiros lustres do século XIX, com o uso dos cronômetros aperfeiçoados, que permitiram obter a hora do primeiro meridiano sensivelmente exata, é que foi possível determiná-la (9).

À vista do exposto, é erro gravíssimo admitir alguém a possibilidade de André Bianco assinalar em 1448 no seu mapa uma ilha no Atlântico Sul para designar um ponto do litoral brasileiro, indicando com quase absoluta precisão a distância **em longitude** entre o cabo de São Roque e o Cabo Verde, as tais 1500 milhas que querem à viva força ser o que se pode ler na legenda da **Ixola Otinticha**. Se esta ilha representasse em realidade um trecho do litoral nordestino do Brasil, não seria possível a Bianco localizá-la a oeste de Cabo Verde, apenas cometendo um erro de **longitude** de 20 milhas, pois que a distância entre o referido cabo e aquê de São Roque é de 1520 milhas. O erro nesse caso seria no mínimo de 3 a 4 graus, isso no caso de se admitir que em 1448 se errasse tanto como no século XVIII no cálculo de **longitude**.

Descoberta a fraude, restava-nos identificar a **Ixola Otinticha**, mas no colóquio que teve o comandante A. Fontoura da Costa com o professor F. C. Weider, em julho de 1938, em

(8). — História de Portugal. Edição Monumental, Barcelos, 1932, volume III, página 592.

(9). — A. Fontoura da Costa, A Marinharia dos Descobrimentos, Lisboa 1939, página 149.

Amsterdão, por ocasião do **Congresso Internacional de Geografia**, êste professor foi de parecer que a ilha em estudo representa aquela de **Santiago** do arquipélago de Cabo Verde.

Essa identificação do professor Weider foi esposada pelo erudito comandante A. Fontoura da Costa, que assim se manifestou (10):

“Já estava terminado êste trabalho quando encontramos em Amsterdão, no mês de julho dêste, ano o maior historiador da cartografia africana, professor F. C. Wiedder, ilustre colaborador do sábio e benemérito príncipe egípcio Yossuf Kamal”.

“Trocando com êle impressões, sôbre as **Ilhas do Cabo Verde**, emitiu o grande mestre uma opinião que é não só digna de registo, mas ainda a aceitar”.

“Funda-se ela no exame que fêz à carta de André Bianco de 1448, e em passagens de Azurara, de Ca’ da Mosto e de Damião de Góes”.

“Vamos expô-la rapidamente”.

1). — “Afirma Azurara que Vicente Dias partira de Lagos, em 1445, capitaneando uma das caravelas da grande expedição de Lancerote (de Freitas) à costa ocidental africana. No regresso ao reino parte das caravelas não vieram juntas”.

2). — “Êste Vicente Dias, de Lagos, é o mesmo que, dez anos mais tarde, capitaneou a caravela que Ca’ da Mosto fêz a sua primeira viagem à costa africana”.

3). — No canto inferior esquerdo da Carta de Bianco, de 1448, vê-se uma ilha pròximamente ao SW do **Cabo Verde**, com a seguinte inscrição:

Ixola Otinticha
e longa a ponente /500/ mia

“O desênhô desta ilha aproxima-se muito, na sua configuração norte, dos da **Ilha de San Jacomo (Santiago)** das **Cartas de Benincasa**”.

“Cremos que as palavras **a ponente /500/ mia** podem significar que a ilha fica 500 milhas ao poente do continente (**Cabo Verde**). As **500 milhas (italianas)** pouco divergem da distância verdadeira (cêrca de 400 milhas, também italianas); quanto à orientação **ponente** é de admitir que o autor, curado por informações, quisesse indicar “para poente”.

4). — “O cronista Damião de Góes expôe confusamente os descobrimentos marítimos portugueses, com o

(10). — A. Fontoura da Costa, **Cartas das ilhas de Cabo Verde de Valentim Fernandes**, Lisboa, 1939, páginas 97 a 100.

infante D. Henrique; contudo alguma coisa de concreto do seu relato devemos registrar. Segundo êle, Ca' da Mosto e Antônio de Noli (não cita Usodimare, que foi companheiro de Ca' da Mosto na sua segunda viagem, mas troca-o por Noli) descobriram as **Ilhas de Cabo Verde** no ano de 1445".

5). — "Em resumo:

1.º). — "**Azurara** — A caravela de Vicente Dias, de Lagos, da expedição de Lançarote (de Freitas) em 1445, devia ser das que não regressaram ao reino em conjunto".

2.º). — "**Góes** — As **Ilhas de Cabo Verde** foram descobertas em 1445 por Ca' da Mosto e Noli".

3.º). — "**Carta de Bianco — de 1448 — A ilha Otinticha** é muito similar em forma e situação à **ilha de San Jacomo (Santiago)** das **Cartas de Benincasa**".

4.º). — "**Ca' da Mosto** — Fêz a sua primeira viagem à costa ocidental africana em 1455, numa caravela capitaneada por Vicente Dias, de Lagos".

"A comparação destes informes levou o professor Wieder às seguintes conclusões":

1a.). — "**A Ilha de Santiago** foi descoberta (ocasionalmente) em 1445, por Vicente Dias, de Lagos, quando na sua caravela regressava da costa africana ao reino".

2a.). — "Bianco, tendo conhecimento deste descobrimento, colocou a **ilha** na sua carta de 1448".

3a.). — "Vicente Dias, de Lagos, durante a viagem de 1454, com Ca' da Mosto, contou-lhe o descobrimento que fizera da **ilha de Santiago** dez anos antes".

4a.). — "Ca' da Mosto, na **Relação** das suas duas viagens à África, chamou a si o descobrimento das primeiras **Ilhas de Cabo Verde**, que colocou na segunda **Viagem** (1456), quando nem ali estivera. Êle devia mesmo ter tido conhecimento da viagem de Diogo Gomes e Antônio de Noli, em 1460, por isso que a sua referida **Relação** foi escrita depois deste último ano".

"A interessante opinião do professor Wieder é de aceitar, como dissemos, mesmo porque, por motivos ignorados, o descobrimento de 1445 pode ter ficado reservado, menos naturalmente para os secretos informadores de Bianco. Então, Diogo Gomes teria sido apenas o redescobridor, mas as honras do descobrimento oficial continuam a pertencer a Antônio de Noli".

Na nossa opinião, a identificação da **Ixola Otinticha** com aquela de **Santiago**, do arquipélago de Cabo Verde, feita pelo erudito professor Wieder e aceita, como acabamos de ver, pelo comandante A. Fontoura da Costa, é aquela, entre tôdas, a mais plausível, embora recentemente o professor Duarte Leite (11) procure nos convencer de que se trata de uma ilha imaginária, tal como as duas cuja doação em 19 de fevereiro de 1462, obteve João Vogado de D. Afonso V.

Em conclusão: a suposição de que **Ixola Otinticha** se refere a um ponto do litoral nordestino do Brasil é absolutamente gratuita, não passando de uma extravagância.

T. O. MARCONDES DE SOUZA

Da Sociedade de Estudos Históricos de São Paulo.
Da Société des Américanistes de Paris.

(11). — **História dos Descobrimentos**, Lisboa, 1958, volume I, páginas 341 a 345.